

CAMPANHA SALARIAL 2008

Patrões agora pedem uma trégua aos trabalhadores

Foi realizada na quarta-feira, 08/10, a quarta rodada de negociação entre os Sindicatos de Trabalhadores e empresários do Setor de Papel e Celulose do Estado de São Paulo.

Nessa reunião, o patronato limitou-se a repetir a mesma proposta da reunião anterior e pediu um prazo aos sindicalistas para ter uma melhor definição do quadro econômico do setor, diante da crise internacional.

“Os patrões pediram uma espécie de trégua para avaliar o impacto da crise internacional sobre o setor de papel e celulose”, explica João Carlos, presidente do Sindicato dos Papeleiros de Jacareí. O sindicalista informa que os empresários deverão realizar uma assembléia nos próximos dias, quando irão definir uma posição conjunta sobre a conjuntura econômica e, a partir daí, retomar as negociações, o que deverá ocorrer após o dia 20 de outubro.

Os patrões alegam que boa parte da produção do setor, especialmente de celulose, é destinada à exportação e, no momento, há uma redução da demanda internacional.

João Carlos pondera: “Nós, durante esse período, iremos distribuir um novo jornal na porta das fábricas, mobilizar a categoria e nos prepararmos para outras formas de luta. Sabemos que há uma crise internacional, mas sabemos – e muito bem – que durante as negociações salariais os patrões têm uma tendência de dramatizar qualquer coisa”.



João Carlos, presidente do Sindicato Local de Jacareí, diz que os patrões procuram dramatizar qualquer coisa durante as negociações para pagar menos e reduzir direitos dos trabalhadores

As negociações pouco avançaram também nos setores de papelão e artefatos de papel. A data-base do setor papeleiro é 1º de outubro.

O Setor Papeleiro, informa o presidente do Sindicato Local de Mogi das Cruzes, Mário Ventura, vem crescendo há anos seguidos, tornando-se, mesmo nos tempos em que o Brasil estava em crise, uma ilha de prosperidade. “A crise, por mais séria que seja, é momentânea, pode afetar um pouco

as vendas, mas pelo histórico de ganhos do setor e a perspectiva otimista a longo prazo, os trabalhadores merecem e têm o direito de conquistar um acordo justo, onde suas reivindicações sejam atendidas.”

Nesta edição, analisamos mais profundamente o Setor de Papel e Celulose, fazendo um apanhado geral de seu bom desempenho nos últimos anos e o quanto nós, trabalhadores, ganhamos com isso, se é que ganhamos alguma coisa.

Veja alguns dos pontos que nós reivindicamos

- Reposição integral da inflação do período;
- 4% de aumento real dos salários;
- Abono Especial de R\$ 1.100,00
- Cesta Básica de R\$ 120,00
- Manutenção e avanço em cláusulas sociais

Crise não é desculpa, queremos o nosso!

Pág. 2

Patrões querem fazer terrorismo com a crise

Pág. 3

Noticias analisam as perspectivas do setor

Pág. 4

Crise não é desculpa, queremos o nosso!

Douglas Mansur



Não aceitamos ser jogados no olho do furacão dessa crise econômica para livrar a barra de patrões que sempre lucraram à custa do nosso trabalho, sem pagar o justo e o que merecemos. A desculpa da crise é furada.

Assim que a crise dos Estados Unidos passou a ser anunciada, envolvendo no roldão a própria comunidade européia, os patrões daqui já começaram também a chorar as pitangas. Alguns, com a maior desfaçatez do mundo (para não dizer cara-de-pau) já vieram com a conversinha de parar a produção.

Essa jogada terrorista desses capitalistas selvagens e seus paus mandados é mais do que manjada. Isso é conversa pra boi dormir.

Vamos tentar entender a estranha lógica patronal.

De crise em popa

O Brasil viveu anos seguidos mergulhado numa profunda crise econômica e em recessão profunda. As ofertas de emprego desapareciam por dois motivos: primeiro

foram as seqüelas da chamada reestruturação produtiva feitas pelas empresas, com redução de mão-de-obra e implantação de maquinário moderno, automatização, aumento do controle sobre os empregados, redução de quadro funcional, implantação de multifunção, pressões de chefias, etc.

Segundo, pelo clima recessivo do país, ocasionado pelo aprofundamento da política neoliberal, com o aumento da dependência do país ao exterior e da vulnerabilidade de nossa economia.

Nos últimos seis anos, o governo Lula vem revertendo essa política, colocando o estado como investidor e fomentador do crescimento econômico, junto com ações políticas, sociais e também econômicas visando reduzir a brutal desigualdade do país.

Assim, observamos um crescimento do mercado interno, maior capacidade de consumo da população, etc. Além disso, o governo saneou nossa economia, dispensou a ajuda predadora do fundo Monetário Internacional (FMI), aumentou as reservas cambiais do país, enfim, ajeitou a economia.

Hoje, a despeito do turbilhão econômico que chacoalha boa parte do mundo, estamos mais capazes de enfrentar a crise.

Ela poderá ter até efeitos no país, mas não nos colocará no olho desse furacão de imprevidência e especulação financeira, que vem acarretando quebraadeiras em instituições que eram aparentemente sólidas e que “ditavam” regras de como uma economia deve funcionar para a maior parte do mundo.

O setor papeleiro faz terrorismo com a crise

Como analisávamos anteriormente, o Setor de Papel e Celulose passou ao largo da crise que afetou o Brasil na década de 90. Era uma ilha de prosperidade, de crescimento e de pujança.

Nesse período, alavancado pela exportação de celulose e também pelo aumento da demanda de papel internacionalmente, os patrões papeleiros riam à toa. Iniciaram então um amplo programa de investimentos, de crescimento, de modernização e expansão.

Essa expansão cresceu ainda mais na onda de otimismo que envolveu a todos, durante o governo Lula. No primeiro período de crescimento, apenas os patrões lucraram: notícias em todo o canto estampavam recordes de produção,

elevação do valor da celulose no mercado internacional, etc. Os patrões viviam no sétimo céu, enquanto aos trabalhadores estava reservado o inferninho do chão de fábrica, marcado pela superexploração, baixos salários, direitos sociais reduzidos, etc.

Com o tempo, com a retomada geral do crescimento econômico no país, os trabalhadores começaram o lento e gradual processo de recuperação dos salários. Mas estamos ainda bem longe de recuperarmos tudo o que perdemos. E os patrões fazem de tudo para que fiquemos só no ora veja.

Agora, em plena campanha salarial, a crise, de há muito anunciada, torna-se mais uma desculpa para tentar negar aos trabalhadores

aquilo que os trabalhadores têm direito, ou seja, aumento real de salários, avanços sociais e econômicos, fim da precarização, etc.

Na última reunião, na quarta-feira, 08/10, os patrões pediram “um tempo” para analisar melhor a situação. Ao mesmo tempo, já ameaçavam reduzir ou paralisar a produção.

Embora haja crise, as perspectivas do setor, a longo prazo, ainda são otimistas, tendo em conta o histórico ascendente de crescimento que dificilmente será rompido de uma hora para outra. Portanto, não aceitaremos terrorismo dos patrões que tentam usar a crise para explorar e precarizar ainda mais as nossas condições de trabalho, garfar direitos e reduzir salários.

Everaldo Martines



As gigantes empresas do Setor de Papel e Celulose vêm há anos seguidos crescendo sem maiores contratempos. Na foto, a VCP Jacareí

Veja o que dizem os noticiários sobre o Setor de Papel e Celulose e a crise

Valor Econômico

O Jornal da sexta-feira, 10/10, informa que a Votorantim Celulose e Papel (VCP) decidiu adiar o plano de construção de sua fábrica no Rio Grande do Sul, que estava originalmente prevista para 2011. O projeto de investimento é avaliado em pelo menos US\$ 1,5 bilhão.

Segundo o presidente da companhia, José Luciano Penido, o adiamento tem relação com os efeitos da crise financeira sobre a demanda por celulose e com a aquisição da Aracruz, em dificuldades financeiras....

A notícia continuava...

Este é o primeiro projeto de produção de celulose de eucalipto a ter sua data adia-

da depois do estouro da crise financeira.

As fabricantes de celulose planejam aumentar a capacidade de produção em 11,5 milhões de toneladas até 2015 na América Latina, com a instalação de dez projetos, que inclui expansão das atuais fábricas e construção de novas unidades. Isso representa um aumento de 20% sobre a oferta atual de celulose.

Suzano Papel e Celulose

A Suzano Papel e Celulose, que possui um plano de construção de uma nova fábrica em 2013 no Maranhão, afirmou que a decisão sobre os investimentos só será tomada dois anos antes. "A compra dos equipamentos

ocorrerá apenas em 2011. Até lá, os investimentos serão muito pequenos", disse o presidente da Suzano Papel e Celulose, Antonio Maciel Neto. Antes disso, a empresa terá de decidir sobre a expansão da unidade em Mucuri, na Bahia, que aumentará sua capacidade em 400 mil toneladas a partir de 2012.

Gazeta Mercantil 13/10

De acordo com o jornal, o setor de papel e celulose passou por um processo de desintegração da produção da polpa e do papel em toda a América Latina.

Nos últimos anos, a maioria dos investimentos feitos foram no aumento de produção da pasta. A maior demanda da China pela matéria-prima nos últimos

anos precipitou esse descolamento entre o insumo e o produto final. A desvalorização do dólar também não tornava a fabricação do papel mais atraente.

Agora, com mudanças no mercado internacional, revela o jornal, uma alternativa (para o setor) poderá ser a produção de papel para abastecer a América do Sul que hoje ainda tem volume expressivo de importados, exceto em imprimir e escrever, e o dólar mais alto pode viabilizar a venda externa...

Neste tempo todo, pouco ou quase nada se fez para elevar a capacidade na área de papel em toda a América Latina. ... Mas as oportunidades começam a surgir na área de papel, conclui o jornal Gazeta Mercantil.

Sabemos o que queremos e vamos lutar por isso

O Setor de Papel e Celulose sente um certo temor - conforme as notícias acima - diante da crise internacional. Há realmente um cenário de expectativa, de indefinição e onde o otimismo não é seguramente a matéria-prima.

Porém, o diabo não é tão feio quanto os patrões tentam pintá-lo. Há nessa discussão toda uma inegável dose de oportunismo e de má fé. Primeiramente, quando as coisas vão bem, ninguém se lembra do trabalhador. Os lucros sobem, mas quando é hora de repartir os lucros, surge uma contabilidade mágica dos patrões que transformam o lucro em prejuízo e enfiam cláusulas nas PLRs que tornam impossível qualquer discussão de lucros. Algumas empresas até mes-



Everaldo Martines

Sabemos o que queremos: aumento real e avanços sociais e respeito profissional

mo mudam o nome da PLR que passa a ser essa coisa grotesca chamada de Programa de Participação nos Resultados.

Nos momentos melhores, eles sempre tentaram dar migalhas aos trabalha-

dores. Agora, quando a situação ainda está boa, mas há nunvens de instabilidade no horizonte, eles vêm com terrorismo barato, com ameaça de paralisação de produções, com objetivo de reduzir nossas expectativas e pagar menos e lucrar mais, mas lucrando sempre à custa de nosso sangue, de nosso suor, de nosso esforço.

Isso não pode acontecer.

É hora de toda a categoria papeleira se mobilizar e partir para a luta. Vamos protestar nas portas de fábrica, atrasar entrada de expediente e outras formas de manifestação, para que nosso direito seja respeitado. Queremos, exigimos e lutaremos por aumento real e avanços sociais. Fora isso, não tem conversa!